

A LIÇÃO DE MUHAMMAD YUNUS

Publicado no “Jornal de Letras”, edição de 11 de Abril de 2007

O AUDITÓRIO 1 da Fundação Calouste Gulbenkian pareceu, durante mais de uma hora, percorrido por um sopro de espírito, um silêncio ao mesmo tempo palpável e leve que envolveu as mais de mil e trezentas pessoas, que esgotaram completamente esse notável espaço de cultura.

O fio condutor que uniu a multidão numa espera atenta, era a voz de Muhammad Yunus, Prémio Nobel da Paz, inventor do microcrédito e actualmente no limiar de se tornar num sério protagonista político do seu país, o Bangladesh. Durante uma hora, que se sentiu brevíssima, partilhou com todos os ouvintes a sua surpreendente aventura de professor, ensinado nas “elegantes teorias económicas do Ocidente”, que um dia resolve atravessar a barreira do *campus* académico, para conhecer o mundo à sua volta, carregado de miséria, desigualdade e pobreza ancestral.

NO ESSENCIAL, o discurso de Yunus caracteriza-se por uma enorme economia de juízos de valor, ausente de preconceitos ideológicos. O seu berço como banqueiro resultou de um verdadeiro processo experimental. A partir de sucessivos ensaios e erros, como reconheceria qualquer leitor de Karl Popper, Yunus descobriu a sua famosa versão de uma espécie de capitalismo ao serviço da elevação da dignidade humana, tornando a maximização do lucro num mero instrumento, em vez de ser o que é, em 99% do mundo, um fim em si próprio, doa a quem doer, custe o que custar.

No entanto, Yunus não pretendeu ter descoberto um elixir universal para os males do mundo. O microcrédito é, como sublinhava o título da conferência, um simples “contributo” para a paz. Mas um contributo que já mudou para muito melhor a vida de dezenas de milhões de pessoas!

HÁ POUCOS dias, o Professor Adriano Moreira, uma das inteligências mais vivas, nobres e sábias do nosso país, chamava-me a atenção para o factor do que se poderá designar como uma espécie de “santidade política”. Os casos de Gandhi e Mandela são os mais evidentes. Tudo indica que nos próximos anos, Yunus se juntará a esta galeria tão notável quanto rara. Gente cuja humanidade se confunde com transcendência, com a aceitação de um destino de serviço. Com o risco de morte violenta.

Mas, olhando em volta, para este mundo que parece atravessar um estertor ontológico, económico, social e ambiental, se ainda existir um resíduo de salvação, de onde poderá ele brotar? De nenhum outro lugar a não ser daquele onde a política -- que Max Weber descreveu como lugar de tentação diabólica -- se transforma em renúncia absoluta, em entrega total, em odisséia de santidade. Essa foi a maior lição de Yunus, em Lisboa.

Viriato Soromenho-Marques